

Seminário Internacional: *Os processos participativos e a CERÂMICA*

Resumos / Abstracts

Cristina Pratas Cruzeiro

Produzir em comum: Processos artísticos colaborativos

Espaço e Lugar, não sendo noções coincidentes nem traduzindo investigações similares acabam por estar relacionados, uma vez que, tal como Miwon Kwon referiu, foi a partir do “site specificity” que surgiu o “community specificity” (Know, 2002, p.6). Foi nos finais dos anos oitenta que tal impulso aconteceu, com uma franca explosão nos EUA e na Europa de práticas artísticas 'de interesse público', centradas sobretudo em particularidades sociais, fazendo uma reflexão atenta a noções como as de 'comunidade' e de 'público' e associando a actividade artística à esfera pública na sua dimensão política. Nesta comunicação irá refletir-se sobre práticas artísticas colaborativas que, enraizadas na história da arte pública, se centram na produção em comum para pensar a comunidade.

Palavras-chave: Práticas artísticas colaborativas, espaço, lugar.

Elaine Santos

Celeida Tostes: “O muro”, passagem de uma arte partilhada

Celeida Tostes (1929-1995), artista brasileira, exercitou a arte nos seus aspetos antropológico, social e académico, revigorando o campo temático formal da cerâmica escultórica. Ao descortinar técnicas primitivas, como a construção dos sumérios e pré-colombianos, acercou-se da “arquitetura da terra”, desvelando possibilidades artísticas de uma releitura da cultura. Através da arte tornou social a sua individualidade. Da experiência pessoal agregadora com o barro acessou a construção de trabalhos coletivos. “O Muro”, obra participativa de 1982, foi uma proposta artística ambiental, que também teve a intenção de integrar classes sociais através do processo criativo. Muitas pessoas estiveram envolvidas, principalmente da comunidade do Morro do Chapéu Mangueira. A obra poderia ser traduzida por Jacques



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



Rancière como “Partilha do sensível”, para a artista, o muro é um símbolo da construção do homem.

Palavras-chave: Tostes, Celeida; Arte Participativa; Escultura Cerâmica; Partilha.

Françoise Schein

INSCRIRE no Mundo: A cerâmica como ferramenta de ensino da filosofia de vida

Como o azulejo, uma matéria da terra, pode estar uma ferramenta de filosofia?

Nessa palestra será explicado como, em poucos anos, o azulejo de cerâmicas de 15x15 cm virou de um espaço de pintura decorativa e a expressão visual individual, até um panorama internacional do entendimento do mundo e em um livro aberto da críticas filosóficas das sociedades atuais.

Palavras-chave: ferramenta social, filosofia, direitos humanos, sociedade atual, arte participativa, entendimento do mundo.

Helena Elias

A constelação como dinâmica criativa: Prática de aula, interação e participação

A presente comunicação descreve um conjunto de atividades levadas a cabo durante o pós-doutoramento em escultura e que configuram a c(artografia) de uma prática artística que tem o desenho e a escultura cerâmica como materialidade primeira ou como materialização. A metáfora e condição de partida é a história de Kora ou Dibutades, contada por Plínio o velho, sobre a origem do desenho e da forma, e que o barro protagonizou.

A partir da descrição das actividades, elabora-se uma reflexão e propõe-se uma interpretação sobre os processos: Entre a prática de aula e prática artística, os processos de trabalho desencadeiam diversas dimensões participativas de interação – como referem Lacy, Bishop e outros) e propõem através da sua repetida frequência, um padrão constelar. Em concreto, apresentam-se os ambientes comunicantes desta configuração, que pode ser partilhada e praticada por outros pares. Tal foi assim com Kora ou Dibutades.

Palavras-chave: prática artística, prática reflexiva, constelação, escultura cerâmica.



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



Mário Rainha Campos

Planisfério da Interculturalidade

O PI - Planisfério da Interculturalidade é um mural cerâmico que existe desde 2015 no Centro Cívico do Fróis, uma nova centralidade no Monte de Caparica, em Almada.

O PI é um projeto educativo de coesão social em ambiente escolar, com participação voluntária, que foi criado para dar continuidade ao processo de Arte Pública com Envolvimento Comunitário iniciado no Monte de Caparica com o Monumento à Multiculturalidade (MM) coordenado pelo escultor Sérgio Vicente. O PI pretendeu potenciar o vínculo dos moradores ao seu território e ao Centro Cívico que estava na altura a ser construído, promovendo e ampliando a reflexão sobre esse novo espaço público. Este projeto iniciado em 2013 foi concebido e coordenado pelo Serviço Educativo da Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea da Câmara Municipal de Almada, em colaboração com a Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa, através do CIEBA (Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes) - Departamento de Escultura e com o apoio da União de Freguesias de Caparica e Trafaria.

O mural PI, inaugurado a 14 de outubro de 2015, é constituído por 2178 peças cerâmicas de 15cmx15cm. As peças foram produzidas ao longo de 136 sessões com todas as turmas (146) das oito escolas que existiam no Monte de Caparica nos anos letivos 2012/13 e 2013/14.

O PI celebra a tradição portuguesa do azulejo, ao mesmo tempo que evoca a contemporaneidade dos ecrãs de pixéis. Neste mural, a imagem do planisfério Terra é sugerido através de um desenho de cor que ordena uma paleta com 25 vidrados diferentes, criado a partir da simplificação da imagem Blue Marble de Reto Stöckli - NASA Earth Observatory que tem uma resolução de 1 pixel por cada km².

Neste mural, cada azulejo representa o seu autor, através do molde de um objeto identitário por si escolhido para se autorrepresentar. Usámos o molde em barro como técnica de introdução à Escultura. Os azulejos foram cozidos e vidrados na Faculdade de Belas Artes com o acompanhamento da sua equipa técnica.



O PI - Planisfério da Interculturalidade permite simultaneamente duas leituras: a primeira, de análise, quando nos aproximamos de cada peça que o compõe (simbolizando a bagagem cultural de cada indivíduo) e outra, uma leitura de síntese que permite vislumbrar, no todo, o Planisfério do Planeta Terra (metáfora do território da intervenção).

Esta obra de Arte Pública gostaria de provocar a seguinte reflexão: 2178 pixels/peças cerâmicas criam uma imagem extremamente pixelizada do Planisfério, se quisermos uma melhor resolução da imagem do mundo, da cidade ou do bairro precisamos de mais envolvimento e da participação ativa de muitos mais cidadãos. A resolução é proporcional à participação.

Palavras-chave: Mural Cerâmico, Azulejo, Arte Pública, Envolvimento Comunitário, Participação, Voluntariado, Interculturalidade, Inclusão, Coesão Social, Almada, Casa da Cerca-Centro de Arte Contemporânea.

Maja Escher

O Mastro como árvore em torno da qual nos reunimos

O projeto dos Mastros parte das festividades populares, mais especificamente dos bailes de Mastro e da imagem do Mastro ou Maibaum (árvore de Maio) presente em práticas e celebrações ancestrais de povos em diferentes pontos do mundo, os bailes de promessa que se realizam em grande parte do Alentejo e ao mesmo tempo o questionar e reinventar a forma como se construíam esses Mastros.

Transpondo o processo de construção das bandeiras e enfeites em papel para o campo da cerâmica, e posteriormente para a massa de biscoitos, criam-se peças recortadas e coloridas. O processo criativo resulta de trocas de conhecimento e partilha de histórias com os moradores e passantes. Durante este processo, as constelações entre indivíduos e os seus quotidianos (tomadas como estabelecidas e imutáveis) transformam-se e desenvolvem um novo sentido.

O mastro torna-se assim naquilo que na sua essência já é: a árvore em torno da qual nos reunimos, lugar de partilha e coabitação. Toda esta partilha não se limita à prática artística ou



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



ao processo de construção, mas incluiu a festa, os encontros que surgem durante e depois, as amizades que se criam.

Palavras-chave: Mastro, Cerâmica, Partilha, coabitação.

Bie Michels

Bricks in Madagascar. Aesthetics versus politics of the image in the 'anthropological art act' and its ethical issues

The project “Bricks in Madagascar” is located at a junction of practices: the ethics and politics of participatory and performative art in a postcolonial context, the postcolonial issues of (film)representation, the philosophical relation between object&subject (men and thing, maker and object, the ontology of the stone...), and the anthropological relation between objects, resources, housing and community. The brick is a way to gain understanding of the people's contact with soil, earth, tradition on the one hand, and the current and historical developments on the other. Intercultural exchange is the only way of dealing with the world. Interaction with local artists, brick workers and a Madagascan anthropologist were recorded. Through all these recorded fragments, the film ‘La couleur de la brique’ represents reality as an allegory that is not illustrative but a re-construction or evocation of these events.

Palavras-chave: participation, anthropological art act, aesthetics versus ethics, bricks, soil, Madagascar, traditions, interculturality, (post)colonialism.

Sérgio Vicente

A prática da escultura cerâmica como ferramenta social: os novos paradigmas da pesquisa artística e tecnológica

A comunicação pretende abordar novas formas de produção industrial em cerâmica adaptadas às exigências dos projectos de escultura em espaços públicos.

O complexo fabril da Abrigada, fundado na segunda metade do século XIX, introduziu em Portugal a produção de grés sanitário, desenvolvendo a produção de tubos e acessórios, estendendo a produção á indústria química e cimenteira.



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



O património humano e tecnológico de largas gerações de homens ligados à indústria cerâmica, permite aos escultores de hoje encontrar o ambiente e as condições tecnológicas adequadas para o desenvolvimento de projetos escultóricos de características técnicas e formais de grande especificidade. No início do século XXI reuniram-se as condições para uma parceria entre a Universidade de Lisboa e a Abrigada e decidiu-se dar prioridade à investigação no domínio da experimentação na cerâmica, no desenvolvimento tecnológico, na investigação de novos materiais e no seu impacto na esfera artística e no mercado.

Num modelo de oficina resultante do intercâmbio entre instituições, destacamos o projeto “Que esculturas para o IPS?” de 2019, realizado nas instalações da fábrica da Abrigada. No qual, um grupo de estudantes de Belas Artes orientado por um escultor docente, reuniram-se com o objetivo de realizar os projetos de escultura em cerâmica a partir de um processo colaborativo com a comunidade académica do Instituto Politécnico de Setúbal.

Este é sem dúvida o espaço de trabalho mais apropriado e excitante para a aquisição de conhecimentos técnicos e artísticos. Constitui-se como um exemplo de investimento institucional a longo prazo com a indústria. Um investimento que, até hoje, tem contribuído decisivamente para encontrar soluções técnicas e artisticamente inovadoras na indústria, ajudando a minorar as crescentes dificuldades económicas da indústria cerâmica e, para colmatar lacunas técnicas e científicas no ensino artístico universitário.

Palavras-chave: Grês; Escultura; participação.

Zandra Coelho de Miranda

Projeto Ressonâncias, reflexões sobre a criação compartilhada

O projeto Ressonâncias, idealizado pela escultora portuguesa Virgínia Fróis parte de uma poética muito individual da autora e ganha asas ao ser proposto como prática compartilhada com um grupo de estudantes da Unesp (Universidade Estadual de São Paulo), em São Paulo, Brasil. A abertura da dinâmica construtiva a novos agentes criadores traz elementos inesperados ao projeto inicial, que cresce ainda sob a orientação da autora. Esses estudantes e artistas que participaram do projeto original, por sua vez, assumem a função de multiplicadores do projeto, levando a proposta para grupo ampliado em São João del Rei, na



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



UFSJ (Universidade Federal de São João del Rei), em Minas Gerais, Brasil. Em exposições mais recentes dos resultados do projeto e revisitando sua trajetória enquanto processo criativo, podemos perceber o quanto a proposta inicial se amplia e ganha novos influxos em termos formais e simbólicos à medida que os seus desdobramentos avançam e distanciam-se de sua autoria original. Desta forma, podemos tomar o projeto Ressonâncias como uma situação exemplar para se refletir sobre os diversos graus de abertura de um processo criativo compartilhado e sobre a problemática da autoria.

Palavras-chave: Processo criativo, autoria, criação compartilhada, crítica genética.

Notas Curriculares

Virgínia Fróis

Escultora e professora (FBA.UL). Expõe com regularidade em Portugal e no estrangeiro onde se destaca o *Projeto Ressonâncias* realizado no Brasil (2012). Fundadora da *Associação Oficinas do Convento* (1996) em Montemor-o-Novo, onde coordena atividade artística no *Projeto do Telheiro (OC-TEC)* e em Cabo Verde do *Centro de Artes e Ofícios de Trás di munti* (2009) onde promoveu atividades no âmbito da etnocerâmica (2006 a 2014), com destaque para o *Projeto Ar no Mar* (2014).

Fernando Quintas

É pintor e Professor Auxiliar da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Possui uma licenciatura e doutoramento em Pintura pela FBAUL, especializando-se em Vidro e Vitral. Desde 1991 tem participado em várias exposições coletivas e individuais, tendo recebido prémios e distinções em pintura e desenho. Participou, em Portugal e no exterior, em diversos workshops sobre a arte do vidro, tendo apresentado os resultados das suas experiências de investigação, letivas e artísticas, em palestras e conferências em Portugal, França, Itália, Alemanha, Reino Unido Grécia e Tunísia. É um dos membros fundadores da Unidade de Investigação Vicarte “Vidro e Cerâmica para as Artes” (www.vicarte.org) e integra a sua atual



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



direção. Foi presidente da APV - Associação Portuguesa do Vidro, de 2006 a 2009. Concebeu e realizou a escultura-troféu do prémio APOM (Associação Portuguesa de Museologia) de 2017, 2018 e 2019. Frequentou igualmente a licenciatura em arquitetura da Universidade Lusíada de Lisboa entre 1996 e 2000.

Pedro Matos Fortuna

Pedro Matos Fortuna (Setúbal, 1962). Doutorado em Belas-Artes, Pintura, pela Fac. Belas-Artes da Univ. Lisboa, onde exerce a docência desde 2000, a cerâmica é o meio técnico que privilegia enquanto autor e que norteou experiências formativas complementares - World Crafts Council, Bélgica 1989; XVIII Seminario de Sargadelos, Espanha 1987; CENCAL 2004, Woodfire Marathon II, Intern. Ceramics Research Center, Dinamarca, 2010. Interessam-lhe a semântica do natural e as leituras heurísticas nos procedimentos criativos, os discursos da repetição e a utilização de matérias-primas naturais em revestimentos cerâmicos.

Além das exposições “Queda de um canto de pássaro”, Lisboa 2013 e “A água mostra quem não se vê”, Lisboa, 2004, teses académicas, participou na X BICA Aveiro, 2011; VII BIC Manizes, 2005; 5ª Biennale Inter. dell’Arte Contemporanea, Firenze, 2005. Escreve acerca da cerâmica no contexto artístico em textos académicos, comunicações científicas e pedagógicas.

Cristina Pratas Cruzeiro

Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT com o projecto “Colaboração e Colisão: Intervenção pública e política da arte” (SFRH/BPD/116916/2016) no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É investigadora integrada do IHA-FCSH e convidada do CIEBA – FBAUL.



Elaine Santos

Elaine Santos é brasileira, natural da cidade de São Paulo. Bacharel em escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e licenciada em educação artística pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Desenvolveu o mestrado e o doutorado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, que resultaram na dissertação “Celeida Tostes: O Barro como elemento integrativo na Arte Contemporânea” e na tese “A escultura cerâmica e a partilha de Conhecimento nas obras de Vilma Villaverde e Virgínia Fróis” . Atua como investigadora no Grupo de Pesquisas Panorama da cerâmica latino-americana - tradicional e contemporânea – Cnpq. Participou como colaboradora do “Projecto Ressonâncias” de Virgínia Fróis realizado no Brasil. Sua atuação artística concentra-se no campo da escultura cerâmica.

Françoise Schein

Françoise was born in Belgium in 1953. She studied Urban Design at Columbia University in New York and Architecture in Brussels. She studied art with Robert Morris at NYU University in New York. She has developed her large scale urban works at an international level in Europe, the United States, in South America and in the Middle East. She teaches at the ESAM School of Arts and Media in Caen, Normandy in France. In 2016 she was elected a Member of the Académie Royale des Sciences, des Arts et des Lettres de Belgique .

For 30 years she has been dedicated a large body of her work to the dissemination of the human rights within the public realms, in schools and among underprivileged quarters. In 1997, she formally founded the Association Inscire, an NGO dedicated to the dissemination of citizenships concepts and the Human Rights through innovative participative artworks. With a real belief in the necessary constant reaffirmation of the fundamental base of democratic thoughts, she has been pursuing the construction of her world series of large-scale artistic artworks centered on humanistic issues which has become a most urgent subject in the contemporary 21st century.

www.inscire.com

www.francoiseschein.com



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



Helena Elias

Professora auxiliar na Faculdade de Belas Artes na Universidade de Lisboa. Doutorada em Arte Pública, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona (2007). Licenciou-se em Escultura na FBAUL (1999) e foi Master in Arts (2000) pela Gray School of Arts RGU, Aberdeen, UK. Como artista, investigadora e professora procura articular estas três áreas, refletindo sobre a triangularidade destas práticas em diversos artigos de revistas e actas de conferências, capítulos de livro, workshops e intervenções artísticas. Foi bolsista FCT de pós-doutoramento em estudos artísticos – escultura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, até 2017.

Mário Rainha Campos

Psicólogo, Fotógrafo e Arte-Educador, é desde 2011, o responsável pelo Serviço Educativo da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea da Câmara Municipal de Almada. Criou e coordenou vários projetos de Intervenção Social através da Arte, em colaboração com diversas entidades das quais se destaca o Centro de Arte Moderna da F. C. Gulbenkian com “Heróis e Vilões” e “Moradas Coletivas”. Criou e coordenou vários projetos de Arte Participativa no concelho de Almada como o Desenho Coletivo “Em Cada Rosto Igualdade”, o Poema Visual “Oceano de Palavras” e o Mural Cerâmico “Planisfério da Interculturalidade”.

Maja Escher

Filha de pais alemães, nasceu e cresceu no baixo Alentejo, concelho de Odemira.

Licenciada em Audiovisuais e Mestre em Arte Multimédia pela Faculdade Belas Artes de Lisboa (2014), concluiu a Pós-Graduação em Pedagogia Waldorf no Instituto de Pedagogia Waldorf em Witten/Annen, Alemanha em 2016. Frequentou o curso de cerâmica na Ar.co e foi Bolsista do Ar.co em Projecto Individual 2017/2018.

Desenvolve projetos nas áreas de instalação/ site-specific e cerâmica e o seu trabalho artístico tem-se desenvolvido em torno da procura de um lugar arquetípico, explorando a ideia de pertença a um lugar, de abrigo e lar, de estar em casa no mundo. Para além da cerâmica, a prática artística de Maja Escher envolve colecionar. Coleciona ditados populares como



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV



coleciona ramos, pedras e canções, folhas e histórias; às vezes, preservando-as durante anos antes de integrá-las nas suas esculturas e instalações. Mais do que peças, interessa-lhe criar novas constelações, novos espaços de relação e contaminação onde o artista se transforma em muitos artistas, em moradores, em passantes. O seu foco está na relação com o outro, na percepção e exploração de aspetos da natureza, comemorações, rituais ancestrais, festividades e expressões populares.

Bie Michels

In her work Bie Michels (b. 1960, Kimwenza, Congo, lives and works in Antwerp) centers on observing, registering, and questioning the representation of the 'other'. Her paintings, installations and films not only question her own position with regard to the subject, but in the process of her creation she allows 'others' to collaborate or comment on them. Thus the gaze or the view of the 'outsider(s)' is an inherent part of the final result. These may be artists, experts or labourers (for example fishermen and women in the film installation *Surrounding Water*, 2013), but also people closely involved (her father in the film *His Field*, 2015). Furthermore, she explores the complex relations (culturally, historically, interpersonal,...) of a variety of individuals and groups with objects, in order to better understand both their surroundings and their own 'being'.

Her work has been shown in Belgium and internationally, among which Magasin des Horizons (F), Argos (B), M HKA (Museum for contemporary art, B), Netwerk Aalst (B), Fei Contemporary Art Centre (Shanghai, CH), Dunkerque2013 in Dunkerque (F) and Hastings (GB), and Lokaal 01 (Breda, NL).

www.biemichels.be



Sérgio Vicente

Sérgio Vicente é desde 2016 escultor professor Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, iniciando a sua carreira académica em 2001. Licenciado em Artes Plásticas – Escultura, pela mesma Faculdade, é mestre em Design Urbano pela Facultat de Belles Arts da Universitat de Barcelona e doutorado em Belas-artes, variante de Escultura pela Universidade de Lisboa. Fez estudos Pós-graduados em Escultura na Universidade de Belas Artes e Música de Tóquio, Japão e em Design Urbano no Centro Português de Design e Universidade de Barcelona. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Oriente, e do Ministério da Educação do Governo do Japão.

Actividade artística regular desde 1996. Tendo recebido nove prémios e distinções em concursos promovidos por entidades públicas para Escultura Urbana. Tem desenvolvido diversos projectos individuais ou em equipa de design urbano e arte pública, ao mesmo tempo que tem realizado exposições individuais e colectivas. Destacam-se as seguintes obras públicas: de 2014, Zéfiro, Câmara Municipal Setúbal; entre 2011 e 2013, o Monumento à Multiculturalidade, tendo como promotor a Câmara Municipal de Almada; em 2009, Liberdade: Monumento à Revolução de Abril, que teve como promotores a Associação 25 de Abril, a Faculdade de Belas Artes Da Universidade de Lisboa e a Câmara Municipal de Lisboa; ou ainda em 1997, o Monumento À Vida, da Câmara Municipal de Almada. É coordenador do Projecto Transversal de Arte Pública do CIEBA - Centro de Investigação em Belas- Artes da FBAUL.

Zandra Coelho de Miranda

Artista e professora, Zandra Miranda é pós-doutora em Artes pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, doutora em Artes Visuais pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Artes pela University of Illinois, com estudos em arte-educação e pesquisa plástica em cerâmica, pintura e gravura. Sua graduação inclui o Bacharelado e a Licenciatura em Artes pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Atualmente Zandra atua como professora efetiva da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ, MG; no curso pioneiro de Artes Aplicadas, com ênfase em cerâmica. Atua também no programa de pós



graduação PIPAUS - Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, e desenvolve seu trabalho plástico e poético em gravura, pintura e cerâmica, tendo realizado exposições no Brasil, Portugal, Estados Unidos e Dinamarca. Coordena o Museu do Barro, projeto de extensão da UFSJ em atuação desde 2012, que pretende difundir saberes e fazeres ligados à cultura cerâmica.



Museus de Aveiro
02 > 30 NOV

